

DITADURA MILITAR

PROFESSORES PUNIDOS PELA CONGREGAÇÃO

*Depoimento prestado pelo professor
Florestan Fernandes ao Jornal Adusp em maio de 1994.*

Em 1964 fui preso por um período e em 65 comecei a participar de uma maneira mais intensa e ardente da luta política. Era um processo político a que todos nós deveríamos nos engajar. Do final de 65 até o começo de 89 travei o combate de uma maneira intensa.

Naquele momento fiquei ressentido porque a ditadura, ao contrário do que aconteceu com outros companheiros, não queria que eu sáísse do país e não me dava o visto no passaporte. Eu estava sujeito a um processo militar e, portanto, não teria possibilidade de tomar o avião.

Os amigos e companheiros no exterior, com suas manifestações, conseguiram fazer com que nós, principalmente no meu caso, sáíssemos do Brasil. Eu tinha compromisso no Canadá e lá permaneci nos anos 69 e 70. Nesse período, tudo que pude perceber, durante as conferências que andei fazendo no próprio Canadá, nos Estados Unidos, na Alemanha e em outros países da América Latina, levou-me a verificar que era evidente que a proteção que nos davam

não era tanto por nossas pessoas e tudo o que elas representavam para a luta política. Era, sim, uma tentativa de retirar dos países que viviam situações análogas à do Brasil aqueles intelectuais ou outros ativistas que podiam representar perigo para a ditadura. Isso me levou a voltar para o Brasil. Porém, poucas vezes fui convidado para conferências de caráter político. Eu recusava as conferências retóricas, neutras, e exigia que elas tivessem caráter político.

Com relação à Universidade, eu fazia parte da primeira lista de cassados. Depois vieram as outras. Mas a verdade é que eu não posso reclamar porque quem luta por certas causas deve estar preparado para aceitar as suas conseqüências positivas ou negativas.

Quanto à caça de pessoas que não tinham vinculação política com qualquer movimento opositor ao regime, é verdade que isso foi um movimento muito negativo. Mas houve dentro da Universidade um movimento de resistência política feito por uma minoria e uma tentativa de retração feita por pessoas que não queriam se envolver, mas

que também não queriam aprovar o que a ditadura estava fazendo. Além disso, existiam os intelectuais que eram propriamente contra-revolucionários. Eu sempre lembro, e até escrevi num livro, uma frase de Lênin que diz: “não pode haver revolução sem revolucionários”. Então, Gama e Silva (reitor da USP na época do golpe militar) e outras pessoas que estavam à testa desse processo eram, dentro da Universidade, representantes da contra-revolução.

E não podemos nos esquecer que na Faculdade de Medicina os professores que foram incorporados à lista de punição não foram punidos pelos militares que fizeram a auditoria. Eles foram punidos pela própria Congregação.

Lembro que dois professores eminentes da Universidade tiveram os braços jogados para baixo quando tentaram cumprir-me porque eu sabia que eles estavam a serviço da ditadura. Eu sempre entendi o que se passava com essas pessoas, mas nunca aceitei. Entender não significa perdoar. Significa ter uma consciência objetiva da luta que se deve travar.